



GT14 – Sociologia da Educação – Pôster 751

## SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM NO TRABALHO COOPERADO: POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NO GALPÃO DE RECICLAGEM

Gabriela Albanás Couto – UFSC

Agência Financiadora: CAPES

### Resumo

Catadores(as) de materiais recicláveis formam hoje uma categoria profissional que, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas, vem se tornando relevante nas agendas ambiental e social brasileiras na última década. Estes profissionais organizam-se em associações e cooperativas, configurando-se como elo fundamental da cadeia produtiva no país. Chama atenção o fato de que apesar da baixa escolaridade, da situação de precariedade em que geralmente trabalham e vivem e das dificuldades próprias do manuseio de resíduos, conseguem gerir seus empreendimentos, gerando não apenas renda para sua subsistência, mas uma gama complexa de conhecimentos e saberes próprios desta atividade. Esta pesquisa visa compreender os aspectos referentes à socialização destes indivíduos no contexto do trabalho cooperativo e por meio do manuseio dos materiais recicláveis, as aprendizagens proporcionadas por este contexto e o viés educativo da atividade de reciclagem na vida destes trabalhadores. De cunho etnográfico, com o convívio intenso e sistematizado da pesquisadora trabalhando na esteira de triagem ao lado dos catadores, bem como a realização de entrevistas e questionários e de análise documental, esta pesquisa revela diferentes dimensões da vida e do trabalho nos galpões de reciclagem.

**Palavras chave:** Catadores(as) de materiais recicláveis; Socialização; Aprendizagem social, Cooperativismo; Exclusão social.

Este trabalho refere-se à uma pesquisa desenvolvida no mestrado (2009-2012) e aprofundada em âmbito de doutorado (2016- ) a respeito das formas de socialização e das aprendizagens vivenciadas por catadores(as) de materiais recicláveis no contexto do trabalho cooperado, bem como dos saberes por eles produzidos. Os dados foram coletados ao longo da inserção em campo, período em que se trabalhou sistematicamente na triagem de materiais recicláveis junto aos catadores, registrando a experiência em diário de campo que compõem parte das fontes de pesquisa. As

observações de campo foram trianguladas com a realização de entrevistas, questionários e pesquisa documental.

Por meio da observação participante (COSTA, 2004) e do período prolongado passado em campo, foi possível chegar a cinco diferentes dimensões do trabalho dos catadores, a partir da análise dos dados: dimensão técnica, coletiva, ambiental, política e subjetiva. Para este trabalho, uma vez que desdobra-se na pesquisa em andamento, abordar-se-á a dimensão coletiva, priorizando os aspectos relativos aos processos de socialização vividos pelos trabalhadores no dia a dia do galpão de reciclagem.

Pesquisas apontam a figura do catador de materiais recicláveis como emblemática para discutir inclusão e exclusão social (CONCEIÇÃO, 2005; GONÇALVES, 2004; MEDEIROS, MACEDO, 2006). O catador é incluído por encontrar na reciclagem um trabalho e um meio para produzir sua vida, ao passo que é excluído pelo tipo de atividade que realiza: trabalho precário, socialmente desvalorizado, carregado de estigmas e de humilhação social (COSTA, 2004). Martins (2008) ao discutir as contradições do moderno no Brasil, afirma que a “cultura da pobreza, constituída por essa acumulação de descartes dos ricos, vai se mostrando cada vez mais parte integrante da modernidade”, sendo, assim, uma “anomalia da modernidade (MARTINS, 2008, p. 33).

Questões relativas à escolaridade reforçam a ideia de exclusão social vinculada a este grupo. De acordo o censo do IBGE (2010) o Brasil tem 9,4% da população acima de 15 anos analfabeta. No entanto, segundo pesquisa do IPEA (2013), entre os catadores o número sobe para 20,6% na média geral do país. Com relação ao Ensino Médio, enquanto a média da população brasileira é de 35,9% (IBGE, 2010), entre os catadores este número cai para 11,4% (IPEA, 2013). Tais dados são indicadores da situação de escolaridade e, conseqüentemente, de acesso ao mercado de trabalho experimentada por esta parcela da população, e da distância, em termos de igualdade, a que estão da média geral da população.

Diante deste quadro do que poderíamos chamar de exclusão ou de “inclusão precária” (MARTINS, 1997) fazer parte de uma cooperativa de reciclagem aparece como alternativa ao desemprego e possibilita sociabilidade, para muitos perdida nas

trajetórias de vida<sup>1</sup>. Habitados a trabalhos subalternos e há anos afastados de suas profissões de origem, boa parte afirma gostar da cooperativa, pois “*é melhor que ter patrão*”, “*aqui a gente é livre*”, “*a gente ganha pelo que trabalhou*”. Mulheres que trabalhavam “em casa de família”, onde sofriam privações e humilhações, consideram, sob este aspecto, que o trabalho na reciclagem representa um patamar profissional mais digno que o anterior, conforme expressa o seguinte depoimento:

*[d]entro da cooperativa a gente tem muita vantagem que um carroceiro que fica na rua não tem. [...] Porque aqui tem os coordenador que ajuda a gente em alguma coisa. [...] Por isso que é bom a gente estar dentro de uma cooperativa, porque é mais seguro. Depois que eu cheguei aqui mesmo minha vida mudou bastante.*

As mulheres dão mais destaque à questão da segurança e à preferência por trabalhar em grupo. Podemos pensar no quanto estar em uma cooperativa possibilita-lhes ter um espaço de socialização e de proteção que não teriam trabalhando nas ruas, conforme este depoimento de uma ex-carroceira:

*Ainda mais a gente que é mulher, os home toma mesmo os material! Você tá com aqueles material bom em cima da carroça, eles vêm e quer tomar. É, é difícil a gente que é mulher trabalhar na rua.*

O trabalho coletivo torna-se, nesse sentido, um desafio e possui grande potencial socializador. A cooperativa proporciona não só geração de renda, mas convívio social, trocas, amizades e até namoros, além do contato com diversos segmentos da sociedade que fora da cooperativa lhes seriam distantes.

No entanto, eles não reconhecem apenas benefícios. Há resistências ao trabalho coletivo, questão que pode ser melhor compreendida quando observa-se o perfil dessa população, composta sobretudo por pessoas em situação de rua, caracterizada por experiências de rompimento social, familiar, geográfico, institucional (ROSA, 2005; VARANDA, 2003)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A cooperativa pesquisada é composta sobretudo por pessoas em situação de rua, muitas das quais tinham todos os seus pertences pessoais guardados em um armário pessoal no vestiário da cooperativa.

<sup>2</sup> A questão do desenraizamento vem sendo aprofundada atualmente na pesquisa de doutorado, a partir da obra *Le déracinement* (BOURDIEU; SAYAD, 1964), pois está sendo investigada a relação entre a migração campo-cidade e a reprodução das desigualdades sociais a partir do que vimos chamando de *habitus* da exclusão expressa no trabalho dos catadores.

Observou-se ainda que a adesão e a participação efetiva dos cooperados na gestão da cooperativa são muito difíceis, exatamente pela inexperiência dialógica analisada por Paulo Freire (1982) e expressa na fala do entrevistado: “*E sabe por que isso é o mais difícil? Porque você não aprendeu a ter diálogo*”. É a partir da experiência na cooperativa, sobretudo no caso das lideranças, que muitos irão falar em público, coordenar uma reunião, dar uma entrevista, mediar conflitos, organizar um roteiro de trabalho, pela primeira vez. E isto não é simples.

A questão das regras e normas que o trabalho coletivo impõe é outro aspecto que se contrapõe ao estilo de vida dos integrantes da cooperativa. Nas ruas existem regras de convívio, que se baseiam em princípios como justiça, verdade, solidariedade (VARANDA, 2009); porém, no ambiente de trabalho, as regras passam a ter outra conotação: cobrança, punição, exigências, conforme os depoimentos.

A autogestão requer um esforço adicional dos trabalhadores na empresa solidária, pois "além de cumprir as tarefas de seu cargo, cada um deles tem de se preocupar com os problemas gerais da empresa" (SINGER, 2002, p. 19), o que significa entender o funcionamento de todo o processo de trabalho; no caso da cooperativa de reciclagem, da coleta à comercialização do material.

Neste sentido, a educação torna-se imprescindível, sobretudo, para a gestão da cooperativa, pois são muitas as tarefas de gestão que demandam formação. A organização da cooperativa requer formação, básica (leitura, escrita, cálculo) e específica (cooperativismo, administração, conhecimentos técnicos, relações com o poder público e empresas etc.). Desta forma, chama atenção o fato de que pessoas com baixa escolaridade consigam tocar esses empreendimentos.

Diante dos dados, considera-se que o trabalho dos catadores apresenta uma complexidade interna, que se reflete na construção de uma identidade profissional e produz um *habitus* (BOURDIEU, 2004, 2015). Apesar de todas as dificuldades encontradas nesse trabalho degradante, estar na cooperativa é sentido de forma positiva pelos catadores. Como afirma Dubet, é possível “*haver criatividade e autonomia até mesmo nas profissões mais terríveis*” (DUBET, 2014, p. 118), de modo que “[a] despeito da virulência das críticas que formulam sobre seu trabalho, os indivíduos encontram nele quase todos os motivos de satisfação” (idem, p. 115). Caberia aqui trazer à discussão o conceito de *illusio* em Bourdieu, pois os sujeitos parecem aceitar as

regras do jogo e se mostram convencidos de que vale a pena jogar, como uma forma de imprimir legitimidade ao que se faz, seja o que for.

O trabalho dos catadores organizados em cooperativas pode ser visto como uma teia cuja trama é composta por uma forte componente política, pois requer participação e mobilização social, promotora de inclusão social por meio de geração de emprego e renda, que influencia ainda questões ambientais por meio da reciclagem. Uma gama extensa de saberes e habilidades para o trabalho é desenvolvida na prática coletiva cotidiana; esta deve ser considerada como ponto de partida para outras aprendizagens em processos de elevação de escolaridade ou de capacitação técnica e política.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A distinção. Crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

\_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_; SAYAD, A. *Le déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

CONCEIÇÃO, M. M. *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade*. 2. ed. Campinas: Átomo, 2005.

COSTA, F. B. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

CULTI, M. N. *O desafio do processo educativo na prática de incubação de empreendimentos econômicos solidários*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DUBET, F. *Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho*. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GONÇALVES, R. S. *Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Situação Social das Catadoras e Catadores de Material Reciclável e Reutilizável: Região Sul*. Brasília: IPEA, 2013.

MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MACÊDO, K. B.; MEDEIROS, L. F. R.. Catadores de materiais recicláveis: uma profissão além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*; 18 (2): 62-71; mai./ago. 2006.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

VARANDA, W. *Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua*. 2009. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2009.